

Scalco está em alta mas Eduardo Jorge desconversa

Parte da futura equipe de governo sairá das urnas, mas grupo palaciano também deverá ser renovado

Maria Lima e Cristiane Jungblut

• BRASÍLIA. Se for reeleito, o presidente Fernando Henrique Cardoso deve reformular o grupo que o cerca nas decisões e que faz a ponte com o Congresso. Uma das mudanças é a reestruturação do sistema de comunicação. Hoje existe a Secretaria de Comunicação, que cuida da parte institucional, e um porta-voz, Sérgio Amaral, que acumula a função de secretário. A idéia é extinguir a secretaria, criar o cargo de assessor de comunicação institucional — que cuidará da parte de publicidade — e ter outra pessoa no cargo de porta-voz.

Os braços direito e esquerdo do presidente, o chefe do Gabinete Civil, Clóvis Carvalho, e o secretário-geral Eduardo Jorge, de-

vem ser remanejados. Clóvis continua forte, mas a situação de Eduardo Jorge, que saiu para coordenar a campanha, ainda é nebulosa. No comitê, dividiu poder com o ex-deputado Euclides Scalco, que agradou muito.

— Ninguém fala de Governo agora. Depois que acabar a campanha vou viajar de férias — desconversa Eduardo Jorge, sem dar pistas se volta para o posto.

Scalco pode articular as reformas constitucionais

Scalco é um nome forte, citado constantemente como o articulador que o Governo precisa para encaminhar as reformas no Congresso. O ministro das Reformas Institucionais, Freitas Netto (PFL-PI), é tímido, desconhecido e nunca exerceu de fato a função.

Só na sexta-feira despachou pela primeira com Fernando Henrique, com nome na agenda.

— Não sou ligado ao PSDB e meu compromisso com o presidente foi coordenar o comitê. Não quero nem ouvir falar nisso. Se o presidente quiser, volto para Itaipu — repete Scalco.

Nos partidos aliados, a briga é grande para ocupar espaço. O PMDB conseguiu até se unir, pondo fim ao racha liderado pelo ex-presidente Paes de Andrade, para tentar retomar o posto de maior bancada na Câmara e no Senado. E, assim, reivindicar maior participação no Ministério.

— O presidente tem dito que as urnas é que vão determinar o tamanho de cada um na futura equipe — explica o ministro dos Transportes, Eliseu Padilha.

Outro ministro do PMDB, Renan Calheiros, da Justiça, deve assumir a coordenação da votação da reforma política. Devido ao fato de Renan ser senador e ter bom relacionamento com os colegas, a idéia é que ele negocie a aprovação da reforma política, começando pela proposta de fidelidade partidária.

Malan quer sair mas FH não abre mão dele

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, também é apontado como outro homem forte, que obrigatoriamente teria de seguir à frente da equipe econômica pelo menos até encaminhar o processo de enfrentamento da crise. Assessores dizem que ele está esgotado, e que já manifestou a Fernando Henrique o desejo de ser substi-

tuído. Mas o presidente não se convenceu de que sua saída não provocará um hiato de credibilidade no Plano Real.

Paulo Renato, da Educação, e José Serra, da Saúde, são muito próximos do presidente e estão na cota dos amigos. Serra é o ministro que tem mais destaque no Governo, com suas ações contra a falsificação de remédios, por exemplo, mas ficou desgastado com as freqüentes reclamações dos cortes feitos em sua pasta.

— O presidente continuará contando com o grupo de colaboradores mais próximos, independentemente de cargos. A ênfase, num segundo mandato, será o social e ele vai estruturar sua ação nesse sentido — diz o secretário nacional de Direitos Humanos, José Gregori. ■